

As aventuras de Nino na lei da selva

por Paulo Henrique Silva

Bem do lado do ponto de ônibus de que eu me sirvo para começar a via-crúcis de todo dia, havia uma árvore grande e já velha que não faria mal a ninguém, se não fosse ela o local escolhido para um enxame estabelecer a sua colméia. Em dia de calor, as abelhas ficavam mais atíçadas e amedrontavam as pessoas, temerosas de levar uma ferroada. As reclamações tornaram-se uma constante, viraram motivo para puxar conversa, os mais impacientes mudaram de ponto e, por fim, num belo dia, vejo funcionários da Prefeitura serrando a árvore.

Alta e forte, deu trabalho para cair ao chão. Mas acabou deixando uma marca: um toco que, imagino, com os meus rudimentos sobre botânica, não foi extirpado devido à profundidade das raízes, que, por ser árvore de bastante idade, comprometeriam toda a calçada se retiradas. No ponto de ônibus e vendo aquele toco, percebi a cena que ilustra o meu pensamento sobre *Castelo Rá-Tim-Bum*. O cinema norte-americano está tão enraizado na nossa cultura, fruto de quase um século sendo regado e fortificado em virtude de uma ardilosa política de monopolização, que se torna quase impossível mudar as regras do jogo.

Mecanismo predatório

Quando um filme como *Castelo Rá-Tim-Bum* surge, provando por A mais B que o cinema nacional pode fazer – com a mesma eficiência e sem se transformar num simples arremedo – o *entertainment* glorificado por Hollywood, as portas do mercado estão

fechadas com cadeado e, pior, jogaram as chaves fora para ninguém mais entrar.

Se já não bastasse derrubar este mito de que somos incapazes de fazer um produto à altura do padrão hollywoodiano, o longametragem de estréia de Hamburger expõe o predatório mecanismo de dominação a que estamos sujeitos. Por mais que se tenha um trabalho que chamar público certo e dar, seguramente, retorno do investimento, nunca ter o mesmo número de salas que são destinadas para os bons e ruins (estes, infelizmente, a maioria) filmes norte-americanos.

Enfrentando bugingangas

Cito exemplo ocorrido aqui em Belo Horizonte: no mesmo dia em que estreava *Castelo Rá-Tim-Bum*, semanas após o lançamento em São Paulo e outras praças que confirmavam o excelente potencial da fita, também chegavam às telas da cidade *Risco Duplo*, *Inspetor Bugiganga* e *Vírus*, filmes de qualidade muito inferior. Cinco salas foram reservadas para o brasileiro e um circuito bem maior para os seus concorrentes estrangeiros.

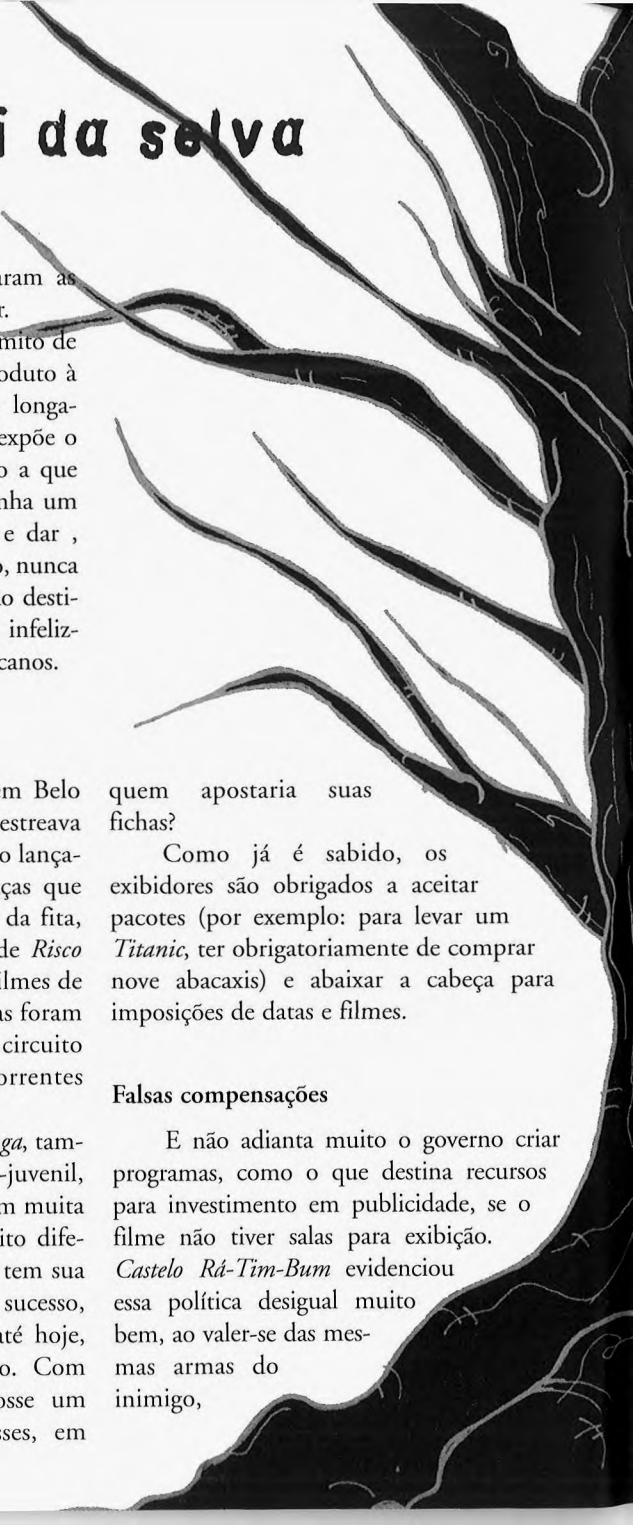
Um dos rivais, *Inspetor Bugiganga*, também voltado para o público infanto-juvenil, é baseado num desenho animado sem muita repercussão no Brasil. Situação muito diferente de *Castelo Rá-Tim-Bum*, que tem sua origem numa série televisiva de sucesso, cujos 90 capítulos são reprisados até hoje, cinco anos após seu encerramento. Com todos esses dados, se o leitor fosse um exibidor independente de interesses, em

quem apostaria suas fichas?

Como já é sabido, os exibidores são obrigados a aceitar pacotes (por exemplo: para levar um *Titanic*, ter obrigatoriamente de comprar nove abacaxis) e abaixar a cabeça para imposições de datas e filmes.

Falsas compensações

E não adianta muito o governo criar programas, como o que destina recursos para investimento em publicidade, se o filme não tiver salas para exibição. *Castelo Rá-Tim-Bum* evidenciou essa política desigual muito bem, ao valer-se das mesmas armas do inimigo,



Sem deixar a peteca cair

O cinema brasileiro, especialmente no gênero infanto-juvenil, já mostrou que tem cacife suficiente para empatar com as produções norte-americanas, resultando em filmes cheios de magia, suspense, ação e ternura. Não falo de *Xuxa Requebra* ou mesmo fitas de Renato Aragão, verdadeiros caça-níqueis que só fazem repetir a fórmula televisiva, vender produtos e aproveitar-se da forte estrutura de marketing de que dispõe a Rede Globo.

Um filme que se deu bem no tipo de produção que se convencionou ser a ideal para a petizada foi *Menino Maluquinho 2*, da dupla Fabrizia Pinto e Fernando Meirelles. Se o primeiro pecava pela falta de consistência narrativa, este segundo episódio, protagonizado pelo personagem criado pelo cartunista Ziraldo, mostra um roteiro bem amarrado, que cumpre a contento aquilo a que se propõe: divertir, através de personagens carismáticos, efeitos especiais, humor na medida certa e ritmo que não deixa a peteca cair em nenhum instante.

Menino Maluquinho 2 e *Castelo Rá-Tim-Bum* são bem parecidos na sua proposta: não querem se passar por filme de autor – este fantasma, no bom e no mau sentido, que assombra o cinema brasileiro –, admitindo seu caráter desprezioso. Pecerbe-se até mesmo o caminhar por um terreno já explorado pelos congêneres do lado de cima do Equador.

Maluquinho 2 tem seus parentescos com *Os Goonies*, através do tipo de ação envolvendo uma turma de crianças, e com *E.T. - O Extraterrestre*, pela participação de um amigável alienígena. Com o filme de Steven Spielberg, especialmente, essa aproximação torna-se mais estreita em duas cenas: quando pequenas sombras fogem

tendo como cenário uma lua cheia; e no momento em que Maluquinho se despede do Tata Miri.

Harmonia e domínio

Cao Hamburger deixou de lado o cunho didático da série de TV para apostar mais na ação e no humor familiar, fazendo nos lembrar de *A Família Addams* e *Gasparzinho, o Fantasma da Camarada*: a entrada de uma dupla de gananciosos que querem se apossar do Castelo, a família estranha e pacata e a clássica história do “patinho feio”.

Mais do que se apossar com maestria os elementos que fazem o sucesso do gênero, *Castelo Rá-Tim-Bum* revela um dos poucos diretores brasileiros com perfeito domínio da narrativa. Repare no posicionamento de câmera, sempre nos lugares certos. Observe a forma como o filme “respira”, com o *timing* certo para o humor, a ação e o suspense. Por fim, preste atenção na direção de atores, com Hamburger extraindo do seu elenco afinidade e, em especial, um magnetismo raras vezes visto.

O filme é, acima de tudo, um trabalho de conjunto. A montagem de Michael Ruman demonstra ter captado a “alma” da história e um talento que o equipara aos bons profissionais da indústria, perceptíveis em cenas simples, como o tombo de Losângela. A direção de arte de Clóvis Bueno e Vera Hamburger é outro destaque à parte, principalmente na criação do castelo Stradivarius, que consegue reunir de forma tão harmônica, a cultura de vários séculos num mesmo espaço.

mostrando até mesmo superioridade em alguns casos, e ainda assim ser confinado a um número restrito de cinemas.

É uma triste constatação, mas que chega em boa hora. No dia em que Jack Valenti, o todopoderoso de Hollywood, conseguiu o que almeja (100% de ocupação do mercado estrangeiro), aqueles jornalistas e “especialistas” que pegam no pé do cinema brasileiro – de uma forma tão absurda que chega a gerar desconfiança sobre uma possível mala preta – que irão dizer: “Também, com essas bombas que estávamos produzindo aqui, não tínhamos mesmo como competir”.